



ESCRavidÃO E SAÚDE NAS FAZENDAS CAfeeIRAS DO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE, SÉCULO XIX

*Keith Barbosa*¹

Resumo: Os debates sobre a saúde e as causas das doenças dos escravos têm se constituído como objeto de estudos de pesquisadores de diferentes campos de conhecimento, revelando novas perspectivas a respeito de historicidades muito mais complexas do que até então se entendia. Nesse sentido, ao reunirmos indícios das ações empreendidas pelos proprietários para os cuidados com os cativos doentes é possível observarmos outras dimensões do cotidiano da população escravizada nas fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba fluminense. Desta forma, a partir da análise da documentação apresentada, com destaque para os inventários *post-mortem* dos proprietários de escravos de Cantagalo e da narrativa do médico Reinhold Teuscher, discute-se cenários de saúde e doenças que permeavam os complexos universos da escravidão.

Palavras-chave: Escravidão; Saúde; Vale do Paraíba; Cantagalo.

SLAVERY AND HEALTH IN COFFEE FARMS OF THE VALE DO PARAÍBA FLUMINENCE, XIX CENTURY

Abstract: Debates about health and the causes of slaves' diseases have been constituted as an object of study for researchers from different fields of knowledge, revealing new perspectives on historicities much more complex than previously it was understood. In this sense, when come together evidences of the actions taken by the owners to caring for the sick slaves, it is possible to observe other dimensions of everyday enslaved population in coffee farms of the Vale do Paraíba fluminense. Thereby, from the analysis of the documentation submitted, with emphasis on the post-mortem inventories of Cantagalo slave-owners and narrative of the physician Reinhold Teuscher, it is discussed scenarios of health and disease that permeated the complex worlds of slavery.

Key-words: Slavery; Health; Vale do Paraíba; Cantagalo.

L'ESCLAVAGE ET LA SANTÉ DANS LES FERMES DE CULTURE DE CAFÉ DE VALE PARAÍBA FLUMINENSE, XIXE SIÈCLE

Résumé: Les débats sur la santé et les causes des maladies des esclaves ont été constitués comme l'objet des études de chercheurs de différents domaines de la connaissance, révélant de nouveaux aperçus sur des historicités plus complexes que dans la compréhension passé. Dans ce sens, au nous réunissions éléments de preuve de l'actions entrepris par les propriétaires pour l'aidé des captifs malades est possible d'observer les autres dimensions de la vie quotidienne de la population en condition d'esclaves sur les plantations de café de Vale do Paraíba Fluminense. De cette manière, de l'analyse des documents présentés, avec détache pour inventaires de post-mortem des propriétaires d'esclaves de Cantagalo et le récit du docteur Reinhold Teuscher, discute des scénarios de santé et les maladies qui imprégnait l'univers complexes de l'esclavage.

¹ Doutora em História das Ciências da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz. Esse texto faz parte das discussões apresentadas na minha tese de doutorado, projeto financiado pela Fundação Oswaldo Cruz.



Mots-clés: L'esclavage; Santé; Vale do Paraíba; Cantagalo.

ESCLAVITUD Y SALUD EN LOS CAFETALES EN EL VALE DEL PARAÍBA FLUMINENSE, SIGLO XIX

Resumen: Los debates sobre la salud y las causas de las enfermedades de los esclavos se constituyeron como objeto de estudios de investigadores de diferentes campos de conocimiento, revelando nuevas perspectivas a respecto de historicidades mucho más complejas de lo que hasta entonces se comprendía. En este sentido, al reunimos indicios de las acciones emprendidas por los propietarios para los cuidados con los cautivos enfermos es posible observarse otras dimensiones del cotidiano de la población esclavizada en los cafetales del Vale del Paraíba Fluminense. De esta forma, a partir del análisis de la documentación presentada, con destaque para los inventarios post-mortem de los propietarios de esclavos de Cantagalo y de la narrativa del médico Reinhold Teuscher, se discute escenarios de salud y enfermedades que permeaban los complejos universos de la esclavitud.

Palabras-clave: Esclavitud; Salud; Vale del Paraíba; Cantagalo.

Na historiografia da escravidão² encontramos amplos debates que buscam apresentar as características e especificidades das vivências escravas, em seus cenários sociais, moldadas com o avanço da monocultura cafeeira no século XIX³. Logo, por diversos ângulos, pesquisadores desvendaram aspectos do cotidiano da vida dos trabalhadores negros, apresentando como podiam ser múltiplas e complexas as relações tecidas nos espaços sociais marcados pela experiência do cativo. Sob diferentes aspectos, foi dado relevo às questões sobre a vida e a morte dos cativos, com ênfase na sobrevivência desses indivíduos tanto nos negreiros⁴, ao longo das travessias atlânticas, como nos espaços das cidades e das fazendas. Os dados sobre a mortalidade da população escravizada revelaram-se um arsenal valioso de informações para a reconstrução dos cenários escravistas⁵. Conseqüentemente, surgiu o interesse em desdobrar a investigação em torno das variáveis que condicionavam as elevadas taxas de morte entre os cativos. Assim, mapear as doenças e epidemias que assolavam os

²Cf. LARA, Silvia Hunold. Novas dimensões da experiência escrava. 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/13.shtml>. Acesso em: 1 abr. 2007.

³ Cf. SLENES, Robert W. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.8, n.16, p.189-203, mar./ago.1988.

⁴ Para uma perspectiva inovadora sobre as trágicas experiências nos navios negreiros, cf. REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁵ Cf. KARASCH, M. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850*. Tradução Pedro Maria Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Ver especialmente o capítulo 4. As almas: os que morriam.



espaços em que aqueles circulavam revelou-se uma questão relevante no âmbito das pesquisas históricas⁶.

Os estudos recentes em torno da escravidão e a história da saúde e das doenças têm fornecido interessantes indícios para a compreensão de cenários da vida escrava, até então insuspeitos ao olhar do historiador. Nesse caso, as informações sobre os sinais e sintomas de doenças e o delineamento das precárias condições da saúde desses indivíduos, que tiveram suas vidas transformadas pela diáspora africana⁷, têm apontado para novas dimensões dos contextos de escravidão e dos seus personagens. Com o estudo das dimensões da saúde e das doenças, em contextos sociais específicos, observamos aspectos da vida de homens e mulheres que foram transformados em peças valiosas das *plantations* cafeeiras no Brasil e das relações sociais tecidas entre senhores de escravos e médicos.

O interesse em desnudar as dolorosas imagens do cotidiano dos escravos nas lavouras de café do Vale do Paraíba fluminense, ainda que de modo espaçado, abre-nos um pequeno corte na imagem estática construída e reconstruída por pesquisas sobre mortalidade⁸ escrava nas áreas de grandes plantações. Trazendo essas abordagens e análises em torno da história da escravidão, da saúde e das doenças para o centro da nossa discussão, alguns universos culturais passam a ser apreendidos pelo olhar do pesquisador e nos aproximamos de alguns aspectos do cotidiano da vida escrava que era reconstruída nas *plantations* cafeeiras.

Deste modo, as grandes transformações que alteraram as dinâmicas nas relações sociais nas fazendas de café do Vale também podem ser examinadas pelas ações dos atores sociais envolvidos (escravos, senhores, médicos), cujos comportamentos são, muitas vezes, indicativos de transformações que ocorreram nas sociedades em que viveram. Nesse caso, analisando mais de perto algumas das importantes propriedades do sudeste cafeeiro, foi possível analisar as conexões entre doença e escravidão partindo da exploração das narrativas do médico alemão Reinhold Teuscher e do exame dos

⁶ Cf. PORTO, A. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.13, n.4, 2006.

⁷ Cf. CARVALHO, D. M. de. Doenças dos escravizados, doenças africanas?. In: PORTO, A. (org.). *Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. CD-rom il.

⁸⁸ Cf. NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. Mortalidades e morbidades entre os escravos brasileiros no século XIX. Anais do IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Volume 3, 1994.



processos de inventários *post-mortem* de alguns importantes proprietários falecidos de Cantagalo. Da observação no interior das senzalas ao alargamento para fora de seus limites, foi possível reconstruir faces dos universos que moldavam as práticas culturais e estratégias tecidas pelos proprietários de Cantagalo para tratarem dos cativos doentes.

INVESTIGANDO EXPERIÊNCIAS DE SAÚDE E DOENÇAS NAS PLANTATIONS DE CANTAGALO

O pequeno arraial de Cantagalo, encravado entre os vales nas encostas das serras atlânticas, servia de passagem para os viajantes que seguiam para as Gerais. Nas primeiras décadas do século XIX, a Vila de Cantagalo, localizada no sul da província do Rio de Janeiro, já se caracterizava por um crescente fluxo de mercadorias e pessoas, representando um dos espaços de “confluências” (Bezerra, 2008, p. 142) entre as principais regiões da província. Era uma localidade ligada por via terrestre à cidade do Rio de Janeiro, cortada pelo Caminho Novo que alcançava as áreas auríferas de Minas Gerais (Los Rios, 2000, p. 50) e também conectada a outras regiões da província por caminhos fluviais.

O quadro de expansão demográfica que se seguiu, em fins do século XVIII e início do século XIX, refletiu o desenvolvimento da expansão do ouro nos pousos da região de Minas e, posteriormente, sua decadência. As clareiras abertas nas densas matas formando pequenos núcleos de povoamento se multiplicavam à medida que mais aventureiros chegavam à procura de ouro. Com o desbravamento e a ocupação progressiva do território, novas clareiras eram abertas para lavouras de mantimentos e roças, logo, estruturaram-se transformações que impulsionariam o desenvolvimento de uma economia baseada na agricultura extensiva de terras e escravos (Vinhaes, 1992, p. 32), período histórico marcado pela “centralidade da economia cafeeira para a escravidão e para a economia atlântica no século XIX” (Marquese, 2014, p. 06). Por toda a parte do Vale o café era plantado e Cantagalo era o centro percussor desse crescimento acelerado para os territórios vizinhos. Segundo Clélio Erthal, no período posterior à década de 30 do século XIX, foi possível ver que os vales, antes cobertos pelas florestas, foram tomados pelos cafezais:



A introdução do café na região teve, como se vê, decisivo papel, tanto na ocupação da área como no respectivo aproveitamento econômico. Se ouro a revelou, despertando o interesse de aventureiros e dando início à sua arrancada histórica, foi o café que a projetou, sedimentando uma sociedade estável e próspera, das mais conceituadas do Império. Pela opulência de alguns moradores e pelo vulto da produção, Cantagalo logrou invejável projeção interna e internacional, provocando a curiosidade e o interesse de vários naturalistas e viajantes estrangeiros, que não deixavam de manifestar estranheza diante do contraste entre a pequenez da Vila e a grandeza econômica do seu território (Erthal, 2008, p. 199).

Na tentativa de compreender o caráter social e histórico da escravidão moderna, Dale W. Tomich revelou como regimes escravistas estavam intimamente relacionados à economia global (Tomich, 2001, p. 31). Em relação a Cantagalo, é possível percebermos que os proprietários da região assumiam papel relevante na política e na economia do país e, já na segunda metade do século XIX, suas propriedades adquiriram “o caráter de típica região escravista de *plantation*” (Tomich, 2010, p. 342-343). Configurava-se naquele contexto um cenário típico do trabalho escravo que se assemelhava a outros cenários internacionais.

Logo, vislumbramos que no âmbito desse acelerado crescimento econômico e social, com a intensificação da produção de café voltada ao mercado mundial, concomitante ao aumento do tráfico negreiro entre as províncias do Império para abastecer as *plantations* cafeeiras do Vale, Cantagalo assumia um papel de destaque na economia fluminense. A despeito da crise experimentada pelas “antigas zonas” cafeeiras do território ocidental do Vale, tal região representava “as novas zonas pioneiras”, que num ritmo dinâmico articularam-se rapidamente aos principais mercados mundiais do café, liderando suas exportações no território fluminense.

Nesse contexto, o rápido crescimento demográfico e o pioneirismo que caracterizava todo o Vale do Paraíba fluminense como importante produtor cafeeiro chamou a atenção de inúmeros visitantes, tais como o médico alemão Reinhold Teuscher. Ao prestar seus serviços nas propriedades do importante fazendeiro Antônio Clemente Pinto, Reinhold Teuscher (Teuscher, 1853) nos conduz, com suas observações, pelas fazendas de Cantagalo. Destacadamente para essa região, as experiências das *plantations* cafeeiras no Vale compunham um importante espaço de observação de variados aspectos do cotidiano dos cativos em um período histórico marcado por um intenso comércio de escravos na província.



Desse modo, a articulação entre a grande oferta de africanos e o aumento da produção cafeeira, depois das décadas de 1830 e 1840, comporia o conjunto de variáveis que não só explicariam o sucesso da cafeicultura no centro-sul fluminense, como atrairiam o olhar de diversos indivíduos que circulavam pelas ambiências de Cantagalo.

De acordo com Robert Slenes, muitos estudos têm apresentado importantes contribuições sobre as dinâmicas tecidas na economia de café do Sudeste. Destacando-se a aproximação do cotidiano dos negros, com ênfase na família escrava, ressaltam-se questões em torno da cultura e das negociações travadas entre senhores e cativos, que refletiam “o impacto de embates e negociações cotidianos na reprodução ou transformação do sistema escravista” (Slenes, 2011, p. 54). Surgem interessantes questões sobre os cativos como importantes agentes sociais envolvidos no processo de elaboração das relações construídas na dinâmica do sistema escravista.

Logo, notamos como se multiplicam as possibilidades de investigação da vida escrava quando abordamos mais de perto as experiências de saúde e doença nos contextos de *plantations*. Seguindo tais caminhos, ao nos aproximarmos do cotidiano dos trabalhadores negros de Cantagalo, percebemos como o impacto da exploração destes nas fazendas cafeeiras afetava gravemente sua saúde. Observamos que importantes questões podem ser levantadas com a ênfase nas relações estabelecidas entre senhores e seus escravos, relacionadas à presença dos médicos, boticários etc. na cidade. Estes indivíduos, ligados à prática da cura⁹ nas *plantations* do Vale fluminense, agregavam mais um elemento na trama das relações tecidas entre cativos e seus senhores. Nesse sentido, em torno desses objetos de análise, Nascimento e Carvalho alertaram que não é possível reduzir as análises sobre a medicina apenas às questões relacionadas ao diagnóstico das doenças,

(...) Se assim for, é no desvelar do sistema de cura que iremos encontrar os elementos mais férteis para a discussão dos conceitos de doenças nas sociedades

⁹ Em trabalho recente, Julio C. M. da S. Pereira discutiu valiosas questões sobre os cuidados terapêuticos, que representaram uma importante dimensão para organização da sociabilidade escrava na Imperial Fazenda Santa Cruz. Nesse caso, o autor evidencia aspectos do cotidiano da vida escrava em um contexto específico, mas que refletem a importância das benfeitorias construídas nas fazendas para tratamento dos cativos (hospitais) e dos indivíduos que atuavam cuidando dos doentes. Cf. PEREIRA, Julio César Medeiros da Silva *Trabalho, folga e cuidados terapêuticos: a sociabilidade escrava na Imperial Fazenda Santa Cruz, na segunda metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde)-Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2011.



humanas. E para a construção de um discurso interdisciplinar sobre a história das doenças. (Nascimento; Carvalho, 2010, p. 10)

Nesse caso, ao percebermos a circulação desses profissionais de saúde pelas ambiências de Cantagalo, é possível afirmar que a região não atraía apenas o interesse de proprietários de terras. Identificamos, ao longo da nossa investigação, a partir do exame de alguns processos de inventários *post-mortem*, indivíduos atuando como médicos nas fazendas da região, cuidando dos doentes e atestando a incapacidade dos escravos que não tinham mais condições de exercerem seus ofícios. Nas principais freguesias, destacavam-se também os boticários e suas *pharmacias* e, em alguns casos, encontramos nos processos recibos dos medicamentos que eram comprados pelos proprietários de escravos. Além disso, uma complexa estrutura foi criada pelos fazendeiros para atender os doentes nas fazendas de Cantagalo, incluindo hospitais e casas de enfermaria.

A narrativa do médico Reinhold Teuscher foi nosso ponto de partida para examinar as experiências relacionadas à saúde e à doença da população escrava de Cantagalo. Apesar de não ter sido o único médico a circular pelas fazendas da cidade, seu relato, publicado na tese médica em 1853, informou-nos importantes dimensões sobre o cotidiano dos escravos e sobre o trabalho que exercia como médico em uma das mais importantes propriedades locais: “Passo, portanto a dar uma descrição sucinta das localidades, do modo de viver dos escravos, e da qualidade e quantidade de trabalho que pesa sobre eles” (Teuscher, 1853, p. 5). O interesse de Teuscher acerca dos aspectos de doença e mortalidade entre os escravos da Vila de Cantagalo nos levou a explorar os espaços por onde o médico esteve e estudar como viveria a volumosa escravaria da região, objeto de investigação de suas pesquisas empíricas.

Tendo eu tido ocasião de observar durante mais de cinco anos o estado sanitário de mais de novecentos escravos, desejei muitas vezes poder obter algumas datas sobre a estadística sanitária da raça etiópica em outros estabelecimentos semelhantes a estes onde eu vivia. Não pude achar informações exatas a este respeito, e por isso resolvi de publicar as minhas observações, apesar de serem os números pequenos e o tempo curto de mais para se poder basear um cálculo exato sobre elas (Teuscher, 1853, p. 8).

Ao observar fatores como moradia, rotina de trabalho, divisão de tarefas, alimentação, vestimentas, estatísticas de nascimentos e mortes de homens e mulheres escravizados que viviam nas propriedades do Barão de Nova Friburgo, Teuscher



levantou interessantes questões sobre o cotidiano nas fazendas. Seu trabalho é instigante porque, ao problematizar o “quadro sanitário” daquela localidade, direcionou seu olhar para os cenários sociais em que os escravos viviam.

Utilizou como referencial de análise, para escrever suas considerações, os espaços do complexo cafeeiro de uma das mais importantes famílias da região no período, a família Clemente Pinto: “Os novecentos escravos dos que trato estão repartidos entre cinco fazendas, situadas na distância de algumas léguas da Vila de Cantagalo em uma parte bastante montanhosa do país” (Teuscher, 1853, p. 15). Segundo Teuscher, a densa escravaria não estava concentrada apenas nas roças de café, grande parte dos cativos se ocupavam dos serviços “em obras, com tropas e outros serviços” (*Ibidem.*).

No universo específico de Cantagalo, o médico parecia conhecer bem as características da população escrava e, com isso, pôde expor importantes considerações sobre as moléstias que afetavam os cativos. Em seu trabalho, chamou-nos atenção a maneira como algumas características daquela escravaria agregavam elementos importantes para explicar as doenças que atingiam as senzalas das fazendas. Uma doença importante, observada pelo médico, que debilitava os cativos era a *anemia intertropical* ou *opilação*. Segundo Teuscher,

Todas as influências debilitantes contribuem para o desenvolvimento deste mal; assim demasiados trabalhos, mau sustento, moradia úmida, falta de sono, excessos sexuais, graves moléstias agudas ou crônicas, principalmente com perdas de humores; parece particular que várias mulheres parecem opiladas durante a prenhez; as crianças são menos frequentemente atacadas. Dos escravos de Santa Rita adoeceram de opilação em 1848 29, em 1849 20, em 1850 7, em 1851 5, em 1852 (ano de muita chuva) 17; e como o tratamento desta doença é sempre prolongado, a duração média das moléstias nestes anos foi em proporção direta aos números de opilados. Esta duração foi de 15, 9 dias em 1848, de 14, 9 em 1849, de 4, 8 em 1850, de 10, 9 em 1851, e de 14, 5 em 1852. (Teuscher, 1853, p. 16)

Para o médico, seriam numerosas as causas para a disseminação da opilação, mas o clima úmido e chuvoso de Cantagalo traduziria um fator importante para o adoecimento dos cativos. Do total de escravos que faleceram no período de cinco anos, cerca de dois terços teriam sido por opilação. Uma doença cujo tratamento era “empírico” e que, quando não afetava gravemente o indivíduo, apresentava uma solução: “o ferro unido aos outros tônicos cura ordinariamente a doença com certeza”.



Contudo, relatou que mesmo os cativos já curados, podiam sofrer novamente da mesma enfermidade, “a qual cada recaída fica mais rebelde, e o doente acaba por morrer de hidropisia geral ou de diarreia crônica, ou de qualquer complicação com outra moléstia” (Teuscher, 1853, p. 16).

O quadro de saúde dos cativos revelou-se ainda mais aterrador quando o médico descreveu outras doenças que os afetavam. De acordo com ele, a moléstia conhecida vulgarmente como “constipação” levava muitos cativos ao hospital, uma das importantes benfeitorias construídas nas fazendas do Barão de Nova Friburgo. Segundo Teuscher, a constipação caracterizava-se por “um reumatismo agudo, muitas vezes acompanhado de sintomas gástricos ou inflamatórios” (Teuscher, 1853, p. 17). Com a descrição dos sintomas, podemos imaginar que muitos escravos atingidos pela constipação certamente ficavam impossibilitados de exercer suas ocupações nas fazendas.

Vejamos os principais sintomas descritos pelo médico: “forte dor de cabeça na frente, dores reumáticas pelo tronco, braços, pernas, e nuca; arrepios de frio, pele quente, fastio, muitas vezes alguma febre” (Teuscher, 1853, p. 17). Ao longo dos anos em que esteve observando os cativos, o médico identificou nos períodos de mudanças de estação algumas das doenças que mais os atingiram: *complicações gástricas, bronquites, diarreias, desinteirais*:

(...) no tempo do calor apareceram com preferência as complicações gástricas. As bronchites são frequentes, e grassão epidemicamente nas épocas de mudança de estações. Diarreias e disenteria mostram-se em maior número durante o tempo de calor. Febres intermitentes não aparecem senão importadas de fora; porém muitas moléstias de qualquer natureza, principalmente na idade infantil, afetam um tipo intermitente, ou ao menos remitente (Teuscher, 1853, p. 18).

Em nossa investigação, ao examinarmos os livros de óbitos dos escravos que habitavam nas fazendas onde o médico atuou, verificamos muitas lacunas a respeito da mortalidade. Por exemplo, ao consultarmos o livro da freguesia de Santíssimo Sacramento, encontramos os primeiros registros de óbitos de escravos nos anos de 1856 a 1860. Com base nesse tempo, reunimos apenas 18 registros, cujas *causae mortis* não foram anotadas. Nesses primeiros anos, foram registrados os óbitos de cativos que teriam falecido anos anteriores, talvez na ocasião em que Teuscher estava trabalhando no hospital da fazenda. Os escravos falecidos foram registrados como pertencentes à sociedade formada pelo Barão de Nova Friburgo, todos haviam sido enterrados nas



fazendas em que habitavam, sendo que dez registros indicaram a Fazenda São Martinho como local do enterro.

Nos anos seguintes, encontramos no livro de óbitos mais referências de escravos falecidos que pertenceram ao Barão de Nova Friburgo e aos seus sócios. Entre os anos de 1861 e 1883 foram registrados no livro paroquial da freguesia do Santíssimo Sacramento o total de 202 cativos, dos quais a esmagadora maioria foi enterrada nas fazendas em que moravam e apenas dois foram sepultados no cemitério público da freguesia. Os escravos registrados na freguesia do Santíssimo Sacramento, entre os anos de 1859 e 1883, estavam distribuídos por 188 escravos adultos e 14 inocentes, cativos com menos de sete anos de idade. O conjunto de cativos adultos era formado por 114 africanos, 28 crioulos e 46 sem indicação da naturalidade.

Em relação à causa da morte, apenas seis cativos tiveram anotada essa informação. Em 1876, o escravo João, congo, de 50 anos de idade, morreu de “estrangulação” e foi enterrado no próprio local da morte. Segundo informações anotadas em seu registro de óbito, foi “sepultado, por ordem do poder judicial no mesmo local onde apareceu enforcado” (Paróquia S. S. de Cantagalo...óbitos... 1872-1887).

No ano de 1882, os falecimentos de 5 escravos foram registrados, a africana Maria, de 70 anos de idade morreu de *hemorragia cerebral*; o africano Clemente, de 60 anos de idade, morreu de *lesões orgânicas no coração*; o africano Jacinto, com 52 anos, morreu de *insuficiência aórtica (aorta)*; Marcelino, de 27 anos de idade, morreu de hemorragia pulmonar; André Clemente, de 44 anos de idade faleceu de *apoplexia pulmonar*. Nesse caso, o diminuto número de informações sobre as causas de óbitos¹⁰ dos cativos evidenciam muitas lacunas que puderam ser preenchidas com a investigação do contexto daquela população.

Desse modo, a saúde dos escravos como objeto de investigação do médico Reinhold Teuscher pode revelar a importância de compreendermos como viviam aqueles trabalhadores nas fazendas cafeeiras do Vale. Ao expor as *observações sobre a estatística sanitária dos escravos em fazendas de café*, o médico destacou a importância dos cativos como força de trabalho fundamental nas áreas de expansão de lavoura

¹⁰ Sobre os usos dos assentos de óbitos paroquiais como variável importante na confecção dos registros demográficos cf. MOURA FILHO, Heitor Pinto de. Tratamento historiográfico dos registros de óbitos. In NASCIMENTO, D. R. e CARVALHO, D. M. *op. cit.* p.119.



cafeeira. Suas *observações* compuseram um valioso conjunto de indícios sobre as experiências mais íntimas dos escravos no Vale do Paraíba, ressaltando características da população escrava em Cantagalo, sendo sua pesquisa muitas vezes inteligível à lente do historiador.

O problema central da tese de Teuscher revela as múltiplas experiências que eram comuns aos escravos do Vale, esboçando um quadro aterrador de doenças que tornavam a exploração do trabalho, nas roças e nos terreiros, ainda mais penosa. O estudo do médico indicou como o olhar das doenças revela estruturas dos cenários sociais transformados pela dinâmica escravista. Contudo, o alemão Reinhold Teuscher não foi o único interessado em desenvolver pesquisas na Vila de Cantagalo naquele período. Ao examinarmos o conjunto de inventários *post-mortem* da cidade, identificamos outros médicos, boticários e cirurgiões atuando no trato dos doentes na região.

Vale destacar interessantes aspectos da trajetória de um personagem, o farmacêutico e naturalista Theodoro Peckolt, que também elegeu Cantagalo como seu espaço de observação. Peckolt chegou ao Brasil em 1847 a fim de estudar o material coletado da flora tropical por Von Martius e Eicheler¹¹. Nadja Paraense dos Santos, ao discutir sobre os avanços científicos no século XIX, apontou como as pesquisas que o naturalista e farmacêutico realizou foram pioneiras na área da fitoquímica no Brasil (Santos, 2005).

De acordo com Santos¹², depois de percorrer algumas províncias do país, explorando a fauna e a flora dos lugares, Peckolt estabeleceu-se em Cantagalo, onde permaneceu por 17 anos. O período em que viveu em Cantagalo foi fundamental para que o farmacêutico avançasse nas suas pesquisas sobre a fauna e flora locais. Peckolt montou uma farmácia e um laboratório na região, onde produzia e vendia medicamentos. Um deles foi o Polygonaton, um remédio à base de sal e amoníaco. Segundo o viajante Von Tschudi, o Polygonaton foi muito usado pelos feitores de Cantagalo para tratar dos cativos que eram mordidos por répteis nas roças de café (Tschudi, 1980, p. 78-79). Ainda de acordo com Santos, nos anos em que esteve em

¹¹ Cf. Von MARTIUS, Carl Friedrich Philipp e von SPIX, Johann Baptist. *Viagem pelo Brasil*. 3 volumes. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. 3ª edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

¹² Cf. SANTOS, *Theodoro Peckolt: farmacêutico e naturalista do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro, 2002. 276 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.



Cantagalo, de 1852 a 1867, “recebeu muitas honrarias acadêmicas, sendo nomeado membro correspondente da Real Sociedade Botânica de Regensburg (1852) e da Real Sociedade Farmacêutica da Alemanha (1857)” (Santos, 2005, p. 518).

As pesquisas de Peckolt, realizadas em grande parte quando morava em Cantagalo, foram publicadas em importantes revistas internacionais. Ao explorar as matas da cidade, realizou “cerca de 500 análises quantitativas de estrato de plantas da flora brasileira” (Santos, 2005, p. 517). Conforme Santos, em artigo anterior:

Peckolt preferia Cantagalo a Friburgo porque a cidade estava mais próxima das matas do vale do rio Doce, o que tornava as expedições mais baratas. Viajava em companhia de dois índios como guias e para maior segurança, acompanhava as tropas do exército que por ali passavam. Em suas viagens percorreu grande parte do vale do Paraíba e as margens dos rios Pomba e Doce (Santos, 1998, p. 668).

O prestígio de que o farmacêutico Peckolt gozava, tanto na província quanto nas instituições científicas de outros países, certamente tornava a região de Cantagalo espaço de interesse de inúmeros profissionais, como médicos e boticários. A região, que no período já era conhecida como o coração da expansão cafeeira no Vale fluminense, atraindo proprietários de terras, também foi transformada em um espaço social importante para os interessados em medicina e ciência.

A presença de Reinhold Teuscher em Cantagalo foi um bom exemplo, ao escolher produzir sua tese na cidade (tal tese, essencial para validar seu diploma de médico e atuar no Brasil), assim como a de outros farmacêuticos, como o próprio Theodoro Peckolt, que buscavam encontrar novidades científicas ao explorar a fauna e a flora brasileiras. Assim, nesse cenário, caracterizado pela expansão das fortunas dos senhores de Cantagalo, os indivíduos envolvidos nos cuidados com os doentes – boticários, cirurgiões, médicos – adquiriram um papel de destaque no jogo das relações sociais que eram empreendidas na região.

De outro modo, observamos que os proprietários gastavam recursos cada vez maiores para os cuidados com a saúde dos cativos. Com isso, notamos como o diálogo com outras áreas de conhecimento pode ajudar na compreensão da escravidão e da saúde. O mapeamento do patrimônio arquitetônico do Vale do Paraíba, *Inventário das*



*Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense*¹³, conduziu nosso olhar, por outras perspectivas, aos registros materiais¹⁴ que compuseram a vida em Cantagalo nos Oitocentos.

O projeto teve início em 2007, no Instituto Cultural Cidade Viva, em parceria com o Instituto Light e com a coordenação técnica do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC / SEC –, que mapeou um conjunto de fazendas históricas cafeeiras localizadas ao longo do Vale do Paraíba, analisando a riqueza da arquitetura rural no período cafeeiro. É uma iniciativa de fôlego, baseada em uma minuciosa pesquisa de campo e documental das fazendas erguidas com a expansão cafeeira do Vale do Paraíba ao longo do século XIX. Dessa forma, por meio do mapeamento e da disponibilização dos dados arquitetônicos e históricos das *plantations* da Vila de Cantagalo, aproximamo-nos dos cenários que compunham “os mundos da fazenda” (Muzae, 2011, p. 293), em que se desvelaram aos nossos olhos as experiências cativas.

Das propriedades citadas pelo médico alemão Teuscher, encontramos nesse *Inventário* a fazenda Areias (figura 1). Na fazenda Areias, foi localizada uma enfermaria que serviria para o tratamento dos cativos doentes. Sobre esses hospitais, Teuscher descreve-nos:

Só as fazendas de Santa Rita e Areias têm hospitais regulares, com enfermeiro branco, e fornecidos todos os recursos necessários; das outras fazendas são os doentes mais graves enviados para estes hospitais; as moléstias mais leves tratam-se em casa; só Itaoca manda todos os seus doentes para o hospital de Areias. Este é o motivo porque só posso apresentar datas completas sobre as povoações de Santa Rita (Teuscher, 1853, p. 9).

Fontes disponíveis sobre como funcionavam os tratamentos médicos oferecidos pelos proprietários cafeeiros nem sempre são encontradas. Porém, é possível mapearmos alguns indícios dos cuidados dispensados à escravaria. Segundo o projeto, na fazenda Areias funcionou um prédio que servia de hospital dos escravos, medindo aproximadamente 573 m². A construção ficava bem ao lado da casa principal e preserva, até hoje, algumas de suas características originais. As figuras 1, 2, 3, 4 e 5 apresentam fotografias do complexo produtivo que pertencia ao Barão de Nova Friburgo. De acordo

¹³Ver a pesquisa completa em: *Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível na Internet: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>. Acesso em janeiro de 2011.

¹⁴Cf. SYMANSKI, Luis Cláudio; GOMES, Flávio. Da cultura material da escravidão e do pós-emancipação: perspectivas comparadas em arqueologia e história. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 293-338, 2013.

com o relatório do Presidente da Província, sobre a riqueza da família Clemente Pinto foi registrado:

O opulento fazendeiro Antônio Clemente Pinto tem já plantado mais de cem mil pés de café em uma de suas fazendas que abriu em sociedade com o hábil engenheiro Jacob Van Erven, onde tenciona, assim que os cafezais estiverem próximos a produzir empregar pequena porção de colonos, mandando engajar na Bélgica e Holanda pelo dito engenheiro (Relatório do Presidente da Província, 1851: 45-46, *apud* Vinhaes, 1992, p. 35).

Figura 1. Vista da Fazenda Areias.



Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>. p. 261. Acesso em: 17 abr. 2014.



Figura 2. Fazenda Areias, Hospital dos escravos.



Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios>>, p. 261. Acesso em: 17 abr. 2014.

Figura 3. Fazenda Areias, Hospital dos escravos.



Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios>>. Acesso em: 17 abr. 2014.



Figura 4. Fazenda Areias, Hospital dos escravos.



Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>, p. 261. Acesso em: 17 abr. 2014.

De acordo com as informações desse projeto, a fazenda Areias, construída em meados dos Oitocentos, destacava-se das outras propriedades locais e era vista como uma “das mais belas casas de morada em estilo colonial de toda a região, com belíssimas proporções, trabalhos em cantaria e carpintaria, e expressivos murais em seu interior” (*Inventário....* p. 275). Além disso, “possuía um formidável conjunto produtivo que contava com armazéns, engenhos, máquinas de beneficiar café, uma usina elétrica de 56 cavalos de força, mais de 600 mil pés de café, grandes lavouras de cana e de cereais” (*Ibidem*).



Figura 5. Vista do complexo produtivo da fazenda Areias.



Fonte: *Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense*. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>. p. 257. Acesso em: 17 abr. 2014.

O responsável contratado para a construção da propriedade foi o engenheiro holandês Jacó van Erven (Jacobus Gijsbertus Paulus van Erven) (1800-1867), que mais tarde tornou-se sócio do Barão de Nova Friburgo. Sobre o hospital de escravos reproduzido nas figuras anteriores, encontramos, em um processo de apelação em relação ao registro de uma enfermaria, a informação de que pertencia ao espólio dos bens do Barão. Em 1893, foi aberto um processo em que parte da sociedade dos herdeiros do finado Antônio Clemente Pinto, denominada Engenho Central Rio Negro, foi liquidada, tendo como apelante no processo o então herdeiro conde de Nova Friburgo. Nessa ação, foram descritos os valiosos bens da família Clemente Pinto e uma enfermaria aparece inventariada no libelo. É bem provável que tenha sido a mesma enfermaria em que o médico alemão trabalhou, já que a propriedade de Areias era uma das mais importantes da região. Entre os objetos que pertenciam à enfermaria, foram registrados, neste processo, lençóis de algodão, fronhas, cobertores, ourinol, tudo avaliado no valor de 12.500 réis (AMJRJ. Apelação, Conde de Nova Friburgo, Cx202, 1893).



Outros indícios sobre o governo dos escravos no Vale do Paraíba Fluminense surgem com a morte do engenheiro holandês Jacó van Erven. As informações que constam no seu inventário *post-mortem*, em 1867, lançam luz sobre os 457 cativos (tabela 1) que viviam em suas terras, constituindo uma fonte preciosa de informação sobre a escravidão e as condições de trabalho nas *plantations* cafeeiras. Segundo esse inventário (Inventário de Jacob van Erven, 1867), Jacob possuía sociedade com o Barão de Nova Friburgo nas fazendas Águas Quentes, Boa Fé, Santa Clara do Macuco, São Martinho, Potósi e São Bartolomeu. Com relação à saúde dos negros nas fazendas de Jacó van Erven, encontramos escassas referências nas listas de escravos. Os escravos doentes apareceram registrados como quebrados (5), cego (1), doente (1), defeituoso (1), opilado (1), paralítico (1) e doente do útero (1).

Nas fazendas Águas Quentes, Santa Clara de Macuco e São Martinho, foram registrados hospitais e enfermarias para receber os escravos doentes. Essas propriedades também faziam parte do complexo produtivo do Barão de Nova Friburgo. Na fazenda Águas Quentes, foi registrado “um hospital com uma cozinha” e botica avaliada em oito contos de réis, na segunda, uma “enfermaria em mal estado” no valor de 150 mil réis e na fazenda São Martinho, “uma casa de hospital” avaliada em 600mil réis. Como as outras propriedades eram anexas a essas fazendas, é bem provável que os cativos doentes fossem tratados nesses espaços.

Além disso, também encontramos o registro de um escravo de nome Daniel, pardo, de 60 anos e com a função de barbeiro, avaliado em 400mil réis. Esse escravo vivia na fazenda Santa Clara de Macuco, assim, é possível que ele exercesse seu ofício de barbeiro nas enfermarias e hospitais ou cuidasse de seus companheiros de cativo nas senzalas. Vejamos alguns padrões da população escrava que vivia nessas propriedades.



Tabela 1. Distribuição da população escrava das fazendas de Jacob Van Erven segundo faixa etária, sexo e procedência (1870)

| Fazendas | Inocentes | Africanos | | Crioulos | | Total |
|-------------------------------|-----------|-----------|-----------|------------|------------|------------|
| | | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | |
| Fazenda Potosi | 5 | 4 | 3 | 3 | 8 | 23 |
| Fazenda São Martinho | 26 | 13 | 6 | 29 | 27 | 101 |
| Fazenda Santa Clara do Macuco | 7 | 35 | 18 | 26 | 25 | 111 |
| Fazenda Águas Quente | 15 | 18 | 20 | 37 | 25 | 115 |
| Fazenda São Bartolomeu | 5 | 4 | 3 | 3 | 8 | 23 |
| Fazenda Boa Fé | 11 | 14 | 5 | 31 | 23 | 84 |
| Total | 69 | 88 | 55 | 129 | 116 | 457 |

Fonte: Inventário *post-mortem* de Jacob van Erven, 1867. AMJRJ.

Como se pode observar pela tabela anterior, a população escrava produtiva das propriedades que faziam parte do espólio de Jacob van Erven era composta não apenas de cativos homens, sendo a presença de mulheres em idade produtiva bastante significativa. A presença de uma parcela considerável de escravos crioulos, particularmente nessas propriedades, revela-nos como um dos mais importantes centros cafeeiros sobreviveu a problemas decorrentes da escassez de mão de obra africana.

Na análise das informações sobre os cativos das fazendas de Jacob Van Erven, destacam-se importantes pistas dos arranjos familiares que transformavam as experiências nas senzalas. Cogitamos que os laços familiares e de parentesco construídos nas senzalas dessas fazendas tenham sido determinantes nas escolhas das mães escravas sobre o melhor tratamento a ser dispensado aos seus filhos. Segundo o “olhar branco” (SLENES, 1999: 142) do médico alemão Teuscher, era difícil cuidar da saúde das crianças:

Se o tratamento medical dos pretos em geral encontra muitas vezes obstáculos na sua falta de inteligência, se a dificuldade em que maior parte deles se achão e dar conta dos seus sofrimentos limita ordinariamente à exclusão apreciação dos sintomas objetivos, isto tem lugar em muito maior no tratamento das crianças. As mães, pouco cuidadosas ou mal esclarecidas, contribuem geralmente antes para fazerem os seus filhos doentes, do que para conservarem-lhes os seus filhos a saúde, e estorvão o tratamento em lugar de o ajudarem (Teuscher, 1853, p. 10).



É bem provável que muitos escravos da fazenda tenham se negado a ser tratados ou a tomar as drogas oferecidas pelos seus senhores ou por médicos nos hospitais e/ou enfermarias das fazendas. Poderíamos supor que muitos escravos recorressem aos serviços dos barbeiros cativos que viviam nas fazendas de Cantagalo, tal como o escravo Daniel, que encontramos no inventário de Jacob Van Erven. Na lista dos cativos em que constam informações sobre profissões, encontramos outros escravos identificados como barbeiros vivendo em outras fazendas da região: em 1867, Jacinto, 60 anos, avaliado em 800 mil réis, morava na fazenda Boa Esperança, propriedade do falecido Rafael Ignácio da Fonseca Lontra (inventário de Rafael Ignácio da Fonseca Lontra, 1867); em 1872, o escravo Eleutério, crioulo, de 34 anos, avaliado em um conto e 500 mil réis, morava na fazenda União, propriedade da falecida Maria da Veiga Correia de Azevedo (Inventário de Maria da Veiga Correia de Azevedo, 1872).

Outro aspecto que observamos das estratégias tecidas entre os proprietários de escravos foi que manipulavam a atuação dos avaliadores¹⁵ nos processos de inventários para que conseguissem maiores lucros com os cativos doentes. Geralmente os avaliadores eram indivíduos livres, moradores das vizinhanças e remunerados para ocuparem a função que exerciam no processo e nem sempre apresentavam nos registros as doenças ou condições de saúde dos escravos relacionados. Sobre essa possibilidade de eles não informarem sobre as precárias condições de saúde da escravaria nas propriedades, chamou-nos a atenção a discordância entre dois avaliadores no processo de inventário de Theresa Antônia dos Santos. O processo, iniciado em 1877, indicou como o primeiro avaliador, José de Sá Freire, apresentou seu parecer sobre uma das escravas da falecida Theresa Antônia dos Santos:

Felismina, mucama, perfeita doceira e costureira muito fiel, com habilitações de tomar conta de uma casa, eu José de Sá da Silva Freire avalio ela por 2:200\$000 e o senhor José Joaquim de [?] Junior avaliou por 1:500\$000 (AMJERJ, Inventário de Theresa Antônia dos Santos, 1877).

¹⁵ De acordo com Fernando A. Alves da Costa muitos interesses contribuíam para a valorização, ou depreciação dos bens inventariados, as relações estabelecidas entre herdeiros e avaliadores contratados podem revelar indícios sobre disputas e tensões travadas nos momento da partilha dos bens de um falecido. Cf. COSTA, Fernando A. Alves da. E Quanto valia, afinal? O Problema dos Preços nos inventários *Post-Mortem* do século XIX. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 60, dezembro 2013.



Já o segundo avaliador, José Joaquim, pareceu não ter concordado com o seu colega e contestou o valor atribuído à escrava Felismina:

Mas atendendo ao físico raquítico de Felismina, a [?] sua tez e morbidez de sua saúde não me parece valer mais do que um conto e quinhentos mil réis (AMJERJ, Inventário de Theresa Antônia dos Santos, 1877).

No processo de Theresa de Antônia dos Santos, o relato elogioso feito por José de Sá Freire à escrava Felismina indicou o seu empenho em valorizá-la. Já a contestação de José Joaquim revelou que a avaliação dos bens poderia ser conduzida por interesses diversos. Nesse caso, a discrepância nos valores atribuídos a Felismina desnudou os possíveis conflitos travados entre o primeiro e o segundo avaliador. É provável que o inventariante tivesse um acordo particular com o primeiro, José de Sá Freire, para que valorizasse o preço da escrava e pudesse auferir maiores lucros com a venda da cativa doente.

Avaliando mais detidamente o processo de Theresa, podemos especular que a abertura de seu inventário inaugurava uma disputa acirrada pelos poucos bens da falecida entre os seus herdeiros. Com poucas páginas, o processo indicou-nos que seus bens mais valiosos eram seus escravos, não tendo sido encontrados registros de posse de terras. Em nossa análise, encontramos seis escravos adultos inventariados. Do total de cativos, as escravas domésticas Florença, com 60 anos de idade, e Rosalina, com 8 anos de idade, foram registrados sem valor algum. Já os escravos Carolina, Felismina, Lino e Tito foram avaliados em mais de um conto de réis.

A escrava Florença, talvez por sua idade avançada, foi registrada como tendo “má aptidão para o trabalho” e sem valor. Em outro caso, mesmo sendo muito jovem, a escrava Rosalina foi registrada também sem valor algum. Antes do falecimento de sua proprietária, encontramos a avaliação de Rosalina como tendo “boa aptidão” para o trabalho. Especulamos que ela tenha sido acometida por uma grave moléstia no momento em que o inventário foi aberto, logo, não pôde ser avaliada.

Considerando os indícios das condições de saúde dessas duas cativas, Florença e Rosalina, que certamente estavam muito doentes, supomos que os herdeiros tinham muito interesse em não perder mais nenhum escravo. Ou seja, sobraram apenas quatro cativos para a partilha, logo, os interessados na divisão dos bens articularam estratégias



para valorizá-los. Certamente a escrava Felismina estava muito doente; a aparência mórbida de Felismina e o seu estado raquítico apontam que a escrava vivia em um lugar insalubre, com alimentação precária, somada ao trabalho intenso a que certamente era submetida. Isso nos impele a pensar que seus companheiros de senzala também partilhassem das mesmas experiências.

Ou seja, o evidente estado raquítico de Felismina foi ignorado e, em sua avaliação no inventário de sua falecida proprietária, revelaram-se possíveis acordos e embates, uma tentativa frustrada dos herdeiros em lucrar com a partilha dos bens. Essa disputa pode exemplificar como as relações entre herdeiros e os seus avaliadores eram permeadas por múltiplos interesses. Em um período marcado pela alta no preço dos cativos e pela demanda de mais braços para as lavouras, muitos escravos claramente incapazes de exercerem algum tipo de ocupação, registrados com “má aptidão”, eram transformados em trabalhadores saudáveis com “boa aptidão” para exercerem as tarefas a que eram submetidos.

Nesse jogo de interesses, a jovem escrava Felismina era uma peça valiosa, apesar de sofrer com os sintomas de alguma doença ou pelo cansaço do intenso trabalho que devia exercer na ocupação de doméstica. Logo, outra imagem dela foi construída para suprir os interesses de seus herdeiros, transformando-a em modelo ideal de escrava para “tomar conta de uma casa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mapearmos alguns aspectos do cotidiano dos senhores, médicos e escravos nas *plantations* de Cantagalo, pressupomos que a economia no campo era complexa e que eram múltiplas as estratégias acionadas para manter a escravaria produtiva nas fazendas cafeeiras. Tais relações caracterizam um período em que mais se intensificava o tráfico de cativos e mais se institucionalizava o discurso médico¹⁶. Nesse caso, não se esgotam as possibilidades de compreendermos outras dimensões da vida dos milhares de trabalhadores escravos que compuseram os espaços sociais transformados pela expansão cafeeira.

¹⁶ Sobre as transformações que levaram as transformações na reforma do saber médico no Brasil ao longo do século XIX. Cf EUGÊNIO, Alisson. *O ideário médico sobre a saúde pública no Brasil na época do Império*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2012, p. 67-77.



Podemos dizer que o médico Reinhold Teuscher foi perspicaz não só ao se estabelecer em uma das mais ricas propriedades da região, atuando como médico das fazendas, mas também ao elaborar um trabalho sobre o estado sanitário dos escravos, indicando a pertinência de se observarem as particularidades que se esboçavam na aproximação da vida escrava.

Assim, quando nos aproximarmos das dimensões relacionadas à saúde, às doenças e às estratégias de cura empreendidas pelos senhores, verificamos como essas abordagens são promissoras e quanto podem contribuir para desvendarmos outros cenários da vida escrava nas *plantations*. Logo, a recuperação das estratégias tecidas relacionadas à cura dos doentes escravos revelou a importância dos diversos indivíduos inseridos no mundo da escravidão, expondo as relações sociais que se estabeleciam nas *plantations* e os processos materiais que constituíam as ambiências do Vale.

Nesse quadro de referências, buscamos apresentar neste alguns aspectos de como os diversos sujeitos que seguiram o fluxo dos caminhos abertos com a expansão econômica e social do Vale do Paraíba (escravos, visitantes estrangeiros, proprietários de terras, médicos etc.) contribuíram para modificar as estruturas locais daquele regime moldado pela expansão cafeeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Nielson Rosa. *As chaves da escravidão: confluências da escravidão no Recôncavo do Rio de Janeiro*. Niterói: EdUFF, 2008.

ERTHAL, Clélio. *Cantagalo: da miragem do ouro ao esplendor do café*. Niterói, RJ: Netpress, 2008.

ERTHAL, Rui. A presença de dois distintos padrões de organização agrária moldando a região de Cantagalo, província do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, Universidad de Barcelona, v. X, n. 218 (34), 1º ago. 2006.

Inventário *post-mortem* de Jacob Van Erven, 1867, Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro (AMJRJ).

Inventário *post-mortem* de Rafael Ignácio da Fonseca Lontra, 1867, Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro (AMJRJ).

Inventário *post-mortem* de Maria da Veiga Correia de Azevedo, 1872, Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro (AMJRJ).



Inventário *post-mortem* de Theresa Antônia dos Santos, 1877, Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro (AMJRJ).

Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba Fluminense. Disponível na Internet: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>. Acesso em janeiro de 2011.

LOS RIOS, Adolfo Morales de. *O Rio de Janeiro Imperial*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2000.

MARQUESE, Rafael Bivar. Capitalismo, escravidão e a economia cafeeira do Brasil no longo século XIX. Conferência Internacional *New Perspectives on the Life and Work of Eric Williams*, realizada em 24 e 25 de setembro de 2011 no St. Catherine's College, Oxford University, Inglaterra; p.06. Disponível em: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/textomarquese.pdf>. Acesso em 24 março de 2014.

MUZAE. O Vale do Paraíba Fluminense e a dinâmica imperial. Disponível em: http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/?page_id=8 . Acesso em janeiro de 2011.

NASCIMENTO, Dilene R.; CARVALHO, Diana Maul de; (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*, vol.3. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.

PADUA, J. A. Cultura Esgotadora: Agricultura e Destruição Ambiental nas Últimas Décadas do Brasil Império. *Estudos Sociedade e Agricultura* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 11, 1998.

Paróquia Santíssimo Sacramento de Cantagalo, Livro de óbitos de livres e escravos, 1872-1887.

SLENES, Robert. *Na senzala uma flor- Esperanças, e recordações na formação da família escrava*. - 2ª Ed. Corríg. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

TOMICH, Dale. *Pelo Prisma da escravidão: trabalho capital e economia mundial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial de café. In: GRINBERG, K. e SALLES, R. *O Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, v.2. 2010.

TSCHUDI, J. J. Von. *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Minas Gerais: Editora Itatiaia Ilimitada. 1980.

TEUSCHER, Reinhold. *Algumas observações sobre a estatística sanitária dos escravos em fazendas de café*. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e publicamente sustentada aos 22 de julho de 1853. Rio de Janeiro: Villeneuve & Comp., 1853.

SANTOS, Nadja Paraense dos; PINTO, Angelo da Cunha; ALENCASTRO, Ricardo Bicca de. Theodoro Peckolt, farmacêutico do Brasil Imperial. *Química Nova*, v. 21, n. 5, p.666-670, set./out.1998.

SANTOS, Nadja Paraense dos. Theodoro Peckolt: a produção científica de um pioneiro da fitoquímica no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p.515-533, mai./ago. 2005.



SANTOS, *Theodoro Peckolt: farmacêutico e naturalista do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro, 2002. 276 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SLENES, Robert W. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.8, n.16, p.189-203, mar./ago.1988.

VINHAES, Eliana Maria Gonçalves. *Cantagalo: as formas de organização e acumulação da terra e da riqueza local*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

Recebido em julho de 2014
Aprovado em Setembro de 2014